

FICHA TÉCNICA

Título original: *Widows*

Autora: *Lynda La Plante*

Copyright © La Plante Global Limited, 2018

Edição original publicada por Zaffre, uma chancela de Bonnier Zaffre, London

Os direitos morais da autora estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Ana Saldanha*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 447 037/18

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2018

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Londres, 1984

O plano do assalto era impecável: nem Harry Rawlins o queria de outra maneira. Era um abastado negociante de antiguidades especializado em obras de arte, pratas e joias de alto preço, e ele e a sua mulher Dolly eram um casal de respeito. Mas Harry Rawlins tinha uma outra faceta. Criminoso brilhante e branqueador de capitais, merecia dos seus homens um profundo respeito e lealdade — mas, como inimigo, era frio, calculista e mortífero. E, embora a polícia suspeitasse que ele tinha um forte envolvimento em crimes, Harry Rawlins nunca passara um só dia atrás das grades.

O plano era simples e, como sempre em tudo o que Harry Rawlins dirigia, fora ensaiado uma e outra vez em todos os seus pormenores. Quatro homens, com balaclavas, faziam parar uma carrinha da empresa de segurança num local pré-assinalado no túnel com duas faixas da Strand. Um furgão de distribuição de pão à frente de uma carrinha da empresa de segurança, conduzido por um dos elementos do gangue, bloquearia a estrada ao travar de repente. Mal a carrinha da segurança parasse, os outros três homens numa carrinha Ford Escort tomariam as suas posições. Um dos homens faria parar o trânsito atrás apontando uma arma enquanto os outros dois, usando gelatina explosiva com um tampão detonador, reben-tariam com as portas traseiras da carrinha da empresa de segurança. O condutor do furgão do pão juntar-se-ia a eles e os homens encheriam as mochilas uns dos outros com sacos de dinheiro antes de três dos assaltantes armados correrem os cinquenta metros até à saída do túnel onde estaria a aguardá-los um automóvel para se porem em fuga. O quarto assaltante, cobrindo a fuga dos outros três, conduziria então o furgão do pão para um esconderijo previamente combinado.

Quando o furgão de distribuição de pão, a carrinha da empresa de segurança e a carrinha Ford Escort entraram no túnel da Strand, tudo parecia estar a correr de acordo com o plano. Os assaltantes, todos criminosos com tarimba, estavam preparados para a fase seguinte. Mas, subitamente... o inesperado aconteceu. A curta distância atrás deles, apareceu um carro da polícia a dirigir-se para o túnel em perseguição de dois jovens que tinham roubado um automóvel.

Quando soaram as sirenes, o condutor da carrinha Ford Escort, em pânico, virou-se para olhar à retaguarda — e, nessa mesma fração de segundo, o condutor do furgão do pão, prosseguindo o assalto como planejado, travou a fundo, forçando a carrinha da empresa de segurança a fazer o mesmo. No momento em que o condutor da carrinha Ford Escort se virou para a frente, já era demasiado tarde. Espetou-se na traseira da carrinha da empresa de segurança e os jovens ladrões do automóvel bateram na traseira do Ford.

Os impactos quase simultâneos fizeram com que o assaltante sentado no lugar da frente fosse projetado para diante. A gelatina explosiva saltou-lhe das mãos e bateu no tablier, desencadeando uma explosão e uma bola de fogo que envolveu todo o interior da carrinha.

Os três assaltantes armados ficaram encurralados dentro do seu próprio veículo; as chamas e o fumo impossibilitaram que alguém tentasse abrir a porta do lado do condutor. Ninguém conseguia chegar até eles, ninguém podia prestar-lhes auxílio, mas todas as pessoas podiam ouvir os gritos deles quando o depósito da gasolina finalmente explodiu e fez ir pelos ares o que restava da carrinha.

Na terrível confusão que se seguiu, ninguém reparou no condutor do furgão do pão. Ele ficou a assistir incrédulo durante uns segundos e depois correu de volta ao furgão e conduziu-o para fora do túnel.

Os três corpos carbonizados da carrinha Ford Escort foram levados para a morgue de Westminster. Daí a dois dias, o patologista forense completou o seu exame e identificou-os oficialmente como sendo Harry Rawlins, Joe Pirelli e Terry Miller.

Como ia a conduzir a carrinha Ford Escort, Harry Rawlins sofrera todo o impacto da explosão da gelatina. A parte superior do seu corpo desfez-se em pedaços, com o crânio tão fragmentado que nem pôde ser

reconstruído, e ambas as pernas carbonizadas até aos ossos. Contudo, no pulso do braço esquerdo queimado e mutilado, estava ainda um relógio Rolex de ouro com uma inscrição gravada, agora desvanecida: Para Harry — com amor, Dolly — 12/2/62.

Embora a polícia suspeitasse desde o início que o segundo corpo era o de Joe Pirelli, o seu rosto estava demasiado queimado num dos lados para poderem ter a certeza absoluta. Ele tinha cadastro, mas não foi possível recolher impressões digitais, porque nem uma mão nem a outra foram encontradas intactas. Por fim, teve de ser consultado um odontologista forense, que acabaria por identificar o corpo com base em registos dentários, com pouca margem para dúvidas.

Com três condenações anteriores, Terry Miller foi identificado por uma impressão digital parcial do polegar e do indicador que restavam da sua mão esquerda queimada.

Os três homens eram casados. As suas três mulheres eram agora viúvas.

CAPÍTULO 1

Dolly Rawlins estava na cozinha a passar a ferro o colarinho e os punhos da camisa a que aplicara goma cuidadosamente, tal e qual como Harry gostava. Ao seu lado, o cesto da roupa estava cheio com lençóis e fronhas passados a ferro. O *Wolf*, o pequeno *poodle* branco que Harry trouxera para casa depois de Dolly ter dado à luz o seu bebé nado-morto e as esperanças de constituírem família terem caído por terra, estava sentado aos pés dela, de cabeça tombada. Sempre alerta, quando Dolly dava um passo, ele seguia-a.

Dolly estava a lavar roupa, a passar a ferro e a limpar o pó desde que voltara da esquadra da polícia. Passava agora da uma da tarde. Por vezes, parava e fitava o espaço à sua frente, mas depois sentia a dor recrudescer e recomeçava a trabalhar; qualquer coisa, qualquer coisa que fizesse parar aquela dor dentro de si. A polícia não lhe permitira ver o corpo de Harry, porque estava irreconhecível, e uma parte dela recusava-se a aceitar o que lhe fora dito. Estavam a mentir-lhe, tinha a certeza. A qualquer momento Harry voltaria a entrar em casa.

* * *

Linda Pirelli ficara pregada ao chão na morgue fria, com o seu cabelo escuro e comprido a emoldurar-lhe o rosto pálido de morte. Queria ter alguém ali consigo, queria muitas coisas, mas, naquele preciso momento, queria que aquilo fosse um sonho mau e ela acordasse a qualquer momento.

— Os registos dentários indicam que se trata do seu marido, Mrs. Pirelli, mas, como não encontrámos os dentes todos, gostaríamos que identificasse o cadáver — disse o funcionário da morgue. — Como um dos lados do rosto dele não está muito queimado, se a senhora se mantiver onde se encontra não terá problemas. Está pronta? — Antes de Linda ter tempo para responder, ele puxou o lençol branco para trás.

Linda susteve a respiração, levou a mão à boca e ficou paralisada. Sentiu algo quente a gotejar-lhe pela perna abaixo.

— Uma casa de banho, preciso de uma casa de banho... — começou a murmurar numa voz fraca.

— Este é o seu marido, Joseph Pirelli? — perguntou a mulher-polícia que a acompanhava.

— *Sim*, sim, é. Agora, por favor tirem-me daqui — suplicou Linda.

A mulher-polícia agarrou o braço de Linda e conduziu-a delicadamente da morgue para as casas de banho no corredor.

* * *

Audrey, a mãe de Shirley Miller, estava exausta e incomodada. Lançou um olhar desagradado ao seu velho vestido de lã disforme, às pernas nuas e aos botins. Num vislumbre do seu reflexo na janela da cozinha, Audrey viu que as raízes grisalhas no seu cabelo pintado de cor de laranja estavam visíveis; precisava de as tapar para se sentir de novo humana. Enquanto fitava o seu reflexo cansado, ouvia a filha num choro de partir o coração no piso de cima.

Shirley estava deitada na cama, com os olhos vermelhos de tanto chorar. De cada vez que limpava os olhos, começava a chorar outra vez, a repetir o nome dele.

— Terry... Terry... Terry... — gemia Shirley, apertando ao peito uma fotografia emoldurada do marido.

Audrey entrou no quarto com um tabuleiro onde trazia leite quente e uma torrada com manteiga, mas, como Shirley não conseguiu tocar-lhes, foi Audrey quem despachou a parca refeição. Enquanto comia, olhava para a pequena fotografia de Terry na moldura de prata que Shirley tinha na mão.

Reclinando-se na beira da cama, Audrey observou a sua linda filha, o orgulho da sua vida. Shirley era uma jovem deslumbrante, com um corpo curvilíneo e cabelo encaracolado, louro natural, que lhe chegava abaixo dos ombros. Tinha um temperamento extremamente doce e confiante e só uma vez fora contra os desejos de Audrey, quando casou com Terry Miller. *Ela vai ultrapassar isto*, pensou Audrey. *A seu tempo, volta a ser quem era*. Mas, por agora, era melhor deixá-la simplesmente chorar.

* * *

Às duas da tarde, Dolly arrastou-se com a roupa passada a ferro pelas escadas acima da sua casa imaculada em Potters Bar. O *Wolf* seguia-a sonolento. Usualmente, na sala de estar, o *Wolf* dormia no fofo tapete persa em frente ao fogão de sala ornamentado. Na prateleira por cima do fogão de sala estava exposta em fotografias a vida inteira de Dolly e Harry: o casamento deles no registo civil de Chelsea, Dolly com um fato *Chanel* e um pequeno ramo de rosas brancas na mão, a lua de mel em Paris e todos os aniversários, Natais e bailes de caridade depois disso. No inverno, a lareira aquecia o pequeno corpo do *Wolf* e no verão ele desfrutava do ar fresco que circulava na sala vindo das janelas abertas. Quando Harry estava ausente em viagens de negócios, no entanto, o *Wolf* enroscava-se ao lado de Dolly no sofá — um sofá de veludo vermelho com borlas douradas.

Dolly abriu a porta do quarto de dormir. Lá dentro, o candeeiro da mesa de cabeceira lançava uma suave luz quente sobre o quarto imaculado, com as cortinas, a colcha e as almofadas decorativas impecáveis; nada estava fora do seu lugar. Depois de arrumar a roupa passada a ferro, Dolly meteu a mão no bolso do avental e acendeu o seu centésimo cigarro do dia. Ao inspirar profundamente o fumo, sentiu o coração a bater pesadamente dentro do peito.

De novo no andar de baixo, Dolly abriu as portas de mogno do armário da aparelhagem estereofónica, ligou o gira-discos e pousou delicadamente a agulha em cima do LP que já estava no prato. Pusera aquele disco a tocar uma e outra vez desde que voltara

da esquadra da polícia para casa: o timbre profundo e quente da voz de Kathleen Ferrier a cantar «Life Without Death»¹ parecia reconfortá-la.

Dolly sentou-se na sala de estar a fumar, com o *Wolf* enroscado ao seu lado. Deixou-se ficar ali sentada toda a noite. Não chorou, não conseguia chorar — era como se alguém tivesse drenado toda a emoção de dentro de si. Recordou a manhã de dois dias antes quando Harry lhe dera um beijo a despedir-se. A sua viagem de negócios para comprar antiguidades só deveria demorar uns dois dias, dissera ele. Ela sentiu a falta dele em todos os momentos da sua ausência, e na noite anterior estava a preparar lasanha para o jantar do regresso de Harry a casa — ele gostava da lasanha com o queijo bem estaladiço por cima da massa — quando a campainha tocou.

Limpou as mãos a um pano da cozinha enquanto o *Wolf* latia e se precipitava para a porta da rua, de mogno com tachas. Seguiu-o até ao *hall* de entrada e ficou paralisada. Delineadas nos painéis de vidro estavam duas silhuetas escuras. A campainha tocou outra vez.

Os dois detetives mostraram-lhe a identificação e perguntaram se o marido estava em casa. Como a lei já tinha vindo bater-lhe à porta algumas vezes, Dolly ficou imediatamente de pé atrás e reservada, e disse-lhes que Harry estava ausente numa viagem de negócios. Eles pediram-lhe que calçasse os sapatos e vestisse o casaco e os acompanhasse à esquadra da polícia para identificar algo que julgavam pertencer ao marido dela. Não foram nada prestáveis no carro-patrolha, recusando-se a responder às perguntas dela, o que a fez ficar assustada. E se tivessem prendido Harry? Decidiu não dizer nem perguntar nada até saber mais pormenores.

Na esquadra da polícia levaram-na para uma sala fria e despida com uma mesa com tampo de fórmica e quatro cadeiras duras iguais. Uma mulher-polícia fardada ficou de pé ao lado de Dolly enquanto um detetive lhe passou para as mãos um saco de plástico que continha um relógio *Rolex* de ouro com um mostrador debruado a diamantes. Quando ela tentou abrir o saco, o detetive tirou-lho das mãos bruscamente.

¹ Vida Sem Morte. (NT)

— Não lhe toque! — ralhou ele. Enfiou umas luvas de borracha brancas, tirou o relógio do saco e virou o mostrador para se ver a inscrição desvanecida.

— Para Harry — com amor, Dolly — 12/2/62 — murmurou Dolly. De alguma maneira, conseguiu manter-se controlada. — É do meu marido — disse. — É do Harry. — E o seu mundo desmoronou-se.

— Tirámo-lo do pulso de um cadáver. — O detetive principal fez uma pausa, a avaliar a reação dela. — Do corpo queimado e morto de um homem.

Dolly agarrou no relógio, afastando-se do detetive às arrecuas até bater com as costas na parede mais distante. A agente seguiu-a, de mão estendida.

— Isso é uma prova! — disse. — Dê-ma cá!

Dolly agarrava o relógio com toda a força. O choque fizera-a perder as inibições. — Estão a mentir! — guinchou. — Ele não está morto. Não pode estar! — Quando o precioso relógio de Harry estava a ser-lhe arrancado das mãos, acrescentou num tom sibilante: — Eu quero vê-lo. Eu *preciso* de o ver!

A agente já tinha esgotado a sua paciência. — Não resta nada para ver — disse friamente.

Durante toda a viagem para casa no carro da polícia, Dolly foi sempre a dizer para consigo que não podia ser Harry, embora a voz na sua cabeça não parasse de lhe segredar... Ela tinha-lhe oferecido aquele relógio no décimo aniversário de casamento. Ele beijara-a e prometera-lhe que nunca o tiraria. Dolly adorava a maneira como ele lançava um olhar ao relógio; estendia o braço, virava o pulso e punha-se a ver a luz incidir nos diamantes. Nunca tirava o seu *Rolex* — nem mesmo na cama. No aniversário de casamento seguinte, ela tinha-lhe comprado um isqueiro *Dunhill* em ouro maciço com as iniciais dele gravadas. Ele rira-se e dissera-lhe que, tal como o relógio, andaria sempre com ele.

Mas, mesmo assim, ela não podia aceitar que ele não voltaria para casa.

* * *

Audrey encarregou-se do funeral de Terry. Foi uma cerimónia discreta só para a família, com umas bebidas em casa a seguir, nada de especial; além disso, Shirley ainda se encontrava em tal estado que Audrey mal conseguira que ela se vestisse.

Greg, o irmão mais novo de Shirley, ajudou o melhor que pôde, mas era ainda muito novo e não sabia como lidar com as efusões de emoção da sua irmã mais velha. Quando Shirley tentou saltar para a cova, para cima do caixão, ele ficou tão embaraçado que se afastou e foi juntar-se a um outro funeral completamente diferente e muito mais digno.

Ainda não tinha sido encomendada uma lápide, porque Audrey não quisera pedir dinheiro, mas planeava tratar do assunto mal Shirley se recompusesse. Tinha grandes esperanças de que Shirley voltasse ao circuito dos concursos de beleza; com o aspeto deslumbrante que a sua filha tinha, Audrey pensava que ela poderia chegar à fase intermédia do concurso de Miss Inglaterra. De facto, já a inscrevera no concurso de Miss Paddington... abordaria o assunto mais tarde, quando Shirley já não estivesse a chorar tanto.

* * *

Linda encontrava-se na sala de estar do apartamento apinhado da família Pirelli num bairro camarário. Todos os parentes de Joe tinham sido convidados para o funeral e a receção a seguir, e estavam a chorar baba e ranho e a falar pelos cotovelos em italiano, vestidos de preto da cabeça aos pés. A sogra dela, Mama Pirelli, andava a cozinhar há dias, a preparar um banquete — massa, pizzas, salame — tudo e mais alguma coisa estava em cima da mesa. Linda era órfã e não tinha parentes a quem convidar. Quanto a amigos, como a malta do salão de jogos onde Linda trabalhava nunca tinha realmente conhecido Joe, ela estava a apanhar uma grande bebedeira sozinha. Sentia que os convidados estavam a observá-la, a abanarem a cabeça a reprovar o seu vestido vermelho. Não lhe importava.

Olhando à sua volta para o mar de rostos lacrimejantes, Linda avistou subitamente uma mulher no outro extremo da sala e

reconheceu a vadia loura que vira com Joe há umas semanas. Incandescente com fúria, abriu caminho por entre os convidados em direção à mulher chorosa.

— Quem diabo te convidou? — gritou Linda. Ia dar-lhe alguma coisa para ela o recordar! Atirou o copo de vinho para cima da rapariga e tê-la-ia atacado se Gino, o irmão mais novo de Joe, não a tivesse afastado a tempo. A abraçar Linda com força enquanto ela soluçava, Gino segredou-lhe ao ouvido palavras suaves de reconforto e pousou casualmente a sua mão de bêbedo no seio direito dela.

* * *

Consumida de desgosto, Dolly Rawlins mal tinha comido. Sentia-se como se a noite e o dia fossem uma e a mesma coisa, mas de algum modo, como se em piloto automático, acedera a enterrar o marido. Estava sentada na sala de estar com um fato preto impecável e um chapéu preto com um pequeno véu. Alisava as suas luvas de carneira continuamente, a palpar o anel de noivado e a aliança de casamento por baixo da pele macia. O *Wolf* estava sentado no sofá ao seu lado, com o corpinho quente encostado à anca dela.

Mesmo hoje, Dolly apresentava-se notavelmente controlada: o seu cabelo de um louro claro estava imaculado, a maquilhagem era discreta e os seus modos formais. Era uma mulher decidida a não permitir que ninguém partilhasse a sua dor muito pessoal e muito privada. Não poderiam compreender, de maneira nenhuma, e a última coisa que ela queria era ouvir alguém dizer que sim, que compreendia.

* * *

A relação de Dolly com Harry fora muito especial. Conheceram-se quando ela estava a gerir a banca de antiguidades e velharias do seu falecido pai no mercado de Petticoat Lane, mas não foi o vistoso *Jaguar tipo-E* de Harry nem o facto de ele ser atraente e

encantador que a tinham seduzido, embora, evidentemente, ela tivesse reparado nessas coisas. Não, a ligação era muito mais profunda do que isso.

Quando Harry pediu Dolly em casamento com um anel com um diamante, cortou-lhe a respiração. A mãe de Harry, Iris, ficara igualmente sem ar, mas por razões muito diferentes. Não conseguia acreditar que o seu filho quisesse casar com uma ordinária qualquer que andava atrás do dinheiro dele. Iris criara o seu filho sozinha depois de o pai dele ir parar à cadeia por assalto à mão armada e morrer de cancro pouco depois de ser libertado. Ela montara um negócio de antiguidades muito bem-sucedido — e aparentemente dentro da lei —, pusera Harry a estudar nos melhores colégios e proporcionara-lhe muitas viagens para ele aprofundar os seus conhecimentos sobre arte antiga, pratas e pedras preciosas. Quando ele assumiu as rédeas do negócio, Iris debatia-se já com problemas de artrite e de enxaquecas fortíssimas e estava disposta a aposentar-se. A sua ambição final para o seu único filho era vê-lo casado com uma jovem rica com classe e boas relações sociais. Era a primeira vez que Harry desobedecia à mãe.

Dolly nunca chegou a falar a Harry sobre o dia em que visitou Iris no elegante apartamento em St John's Wood que o seu filho extremoso comprara para ela. Não exatamente uma menina elegante nesses tempos, no entanto Dolly também não era bem a loura espampanante que Iris imaginara. Era atraente, de ombros largos para mulher e com mãos que tinham conhecido trabalho árduo, mas era também recatada e feminina e falava em voz baixa. Iris recompôs-se e ofereceu-lhe chá.

— Não, obrigada, Mrs. Rawlins — respondeu Dolly. Iris estremeceu ao ouvir a pronúncia do East End de Londres da rapariga. — Só quero que saiba que amo o Harry e, quer a senhora queira quer não, vamos casar. A sua reprovação e as suas ameaças constantes só nos aproximam ainda mais, porque ele ama-me e precisa de mim.

Dolly fez uma pausa para que Iris respondesse — para que pedisse desculpa, se tivesse bom senso. Em vez disso, Iris olhou Dolly lentamente de alto a baixo, com um sorriso de desdém pelas suas roupas vulgares e os seus sapatos de saltos rasos.

Dolly encolheu os ombros e prosseguiu. — O meu pai era negociante de antiguidades e conhecia o seu marido, por isso não me venha com esses ares de importância. Toda a gente sabe que ele era recetador de peças roubadas e que passou dez anos em Pentonville por assalto à mão armada. Toda a gente sabe que a senhora usou o dinheiro para gerir o negócio enquanto ele esteve dentro. E sejamos francas, a senhora teve a sorte de escapar.

Nunca ninguém falara assim com Iris. — Está grávida? — perguntou ela, pasmada.

Dolly alisou a sua saia travada. — Não, Mrs. Rawlins, não estou, mas quero constituir família, e se a senhora quer ser incluída nela devia fechar a matraca. O Harry e eu vamo-nos casar, com ou sem a sua autorização, e ameaçá-lo de o afastar do negócio é simplesmente dar um tiro no seu próprio pé. — Dolly virou-se para se ir embora. — Não preciso que me acompanhe à porta.

— Se é dinheiro que quer — disse Iris —, passo-lhe um cheque aqui mesmo. Diga quanto quer.

Dolly estendeu a mão com o seu anel de noivado com o diamante.

— Quero a aliança para fazer companhia a este anel, porque a senhora não tem dinheiro que chegue para me comprar. O Harry é tudo quanto quero e eu vou fazê-lo feliz. Como já disse, pode ser incluída na nossa vida ou não, é a senhora quem decide.

Mais uma vez, Dolly dirigiu-se para a porta. Mais uma vez, as palavras de Iris fizeram-na parar.

— Se está a pensar dirigir o negócio de antiguidades com o Harry, é melhor que perca esse sotaque rasco do East End.

— Tenciono fazê-lo, Mrs. Rawlins. — Dolly lançou um olhar por cima do ombro e fitou Iris nos olhos. — Tal e qual como a senhora conseguiu perder o seu.

* * *

Eddie Rawlins, o primo de Harry que Dolly não suportava, entrou com as faces coradas do frio e interrompeu-lhe os pensamentos. Era parecido de aspeto com Harry, mas ao passo que Harry fora forte e musculoso, Eddie parecia uma sua versão fraca.

Esfregou as mãos e fez um gesto na direção da janela, a apontar para o cortejo fúnebre. — Estão todos aqui — disse, a sorrir. — Veio tudo em peso. Os Fishers estão aqui, já para não mencionar os representantes da lei a vigiarem num carro lá mais para baixo. Nem se vê o fim da fila, deve haver uns cinquenta carros ali fora!

Dolly mordeu o lábio. Não o quisera assim, mas Iris insistira: Harry era um homem importante que tinha de ser sepultado em grande estilo. Como Dolly sabia o quanto Iris devia estar a sofrer também, dera-lhe o que ela queria. Nunca receberia nenhum agradecimento, mas a longo prazo esta cedência tornaria a sua vida menos complicada.

Dolly pegou na sua carteira de pele preta, pôs-se de pé e alisou a saia, vendo-se ao espelho do *hall* à saída. Quando chegou à porta da rua, Eddie fê-la parar e tirou um pequeno embrulho castanho do bolso. Inclinou-se para a frente e falou num sussurro, embora estivessem completamente sós.

— Isto é para ti, Dolly. Sei que, provavelmente, não é apropriado neste momento, mas a lei tem andado a rondar a minha casa e o Harry deu-me isto para te entregar se lhe acontecesse alguma coisa.

Dolly fitou o embrulho. Eddie mudou o peso do corpo de um pé para o outro e aproximou-se ainda mais.

— Penso que são as chaves do armazém dele — disse.

Dolly meteu o embrulho na carteira e seguiu Eddie lá para fora. Não conseguia acreditar que estava prestes a sepultar Harry. Só lhe apetecia deitar-se e morrer. O seu cãozinho era tudo o que a mantinha viva agora.

Os vizinhos estavam à porta das suas casas e, enquanto Dolly descia o caminho do jardim da frente, sentia que toda a gente a observava. Havia uma fila de automóveis a aguardarem pacientemente para seguir o carro funerário, que estava ajujado com coroas e ramos de flores. Dolly nunca vira tantos corações e cruzeiros; as pinceladas de cor a destacarem-se em contraste com a fila de automóveis pretos.

Eddie ajudou Dolly a entrar para o banco de trás de um *Mercedes-Benz* preto com janelas de vidros fumados. Quando ela baixou a cabeça para entrar no carro, viu a sua sogra no *Rolls-Royce* atrás.

Iris formou a palavra «cadela» com os lábios, sem som. Dolly ignorou-a, tal como fizera ao longo da maior parte da sua vida de casada.

Depois de se instalar, Dolly fez sinal a Eddie para seguirem o lento carro funerário. Pelo espelho retrovisor, ele viu uma fiada de lágrimas começar a correr pelo rosto pálido dela. Ela não fez nenhum esforço para limpar as lágrimas ao falar num tom seco.

— Espero que lhes tenhas dito que não vou fazer nada cá em casa depois do funeral... nada. Quanto mais cedo isto acabar melhor.

— Sim, disse — respondeu Eddie cautelosamente. — Mas acho que a Iris vai receber umas pessoas lá no apartamento dela. Convidou-me para eu ir e disse que pagou tudo. — Dolly fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Como Iris não era autossuficiente do ponto de vista financeiro desde a sua aposentação, «pagar tudo» queria de facto dizer que Harry pagaria. Ou, mais exatamente agora, Dolly.

Harry Rawlins foi sepultado no estilo pretendido pela sua mãe, com centenas de pessoas reunidas no cemitério e ainda mais flores a rodearem a campa. Ao longo da cerimónia, Dolly manteve-se sozinha e impassível. Foi a primeira a afastar-se da campa, e a multidão de pessoas bisbilhoteiras e metediças ergueram as cabeças que tinham inclinadas para a ver ir-se embora.

Entre os presentes encontrava-se Arnie Fisher, com o seu casaco de caxemira azul-marinho, um fato de corte impecável e camisa. Mal o automóvel de Dolly arrancou, acenou a um homem enorme, como um urso, que estava na parte de trás da multidão. Boxer Davis abriu caminho para a frente. O fato de Davis, em comparação, era de fraca qualidade e estava no fio, e até mesmo a sua camisa estava suja e com manchas. O seu grande rosto estúpido parecia comovido pela cerimónia, e limpou o nariz esborrachado — a pingar com o frio — às costas da mão. Arnie Fisher lançou um olhar furtivo ao *Mercedes* de Dolly, que se afastava lentamente, e acenou a Boxer a indicar-lhe que o seguisse. Boxer mudou o peso do corpo de um pé para o outro, ligeiramente embaraçado.

— Não acha que eu devia esperar uns dias, patrão? Quer dizer, ela acabou de o enterrar hoje.

Arnie fitou Boxer por dois segundos, acenou com a cabeça de novo na direção do *Mercedes* e virou-lhe as costas. A conversa estava terminada.

A alguns passos de distância de Arnie estava o seu irmão mais novo, Tony, que era mais alto do que toda a gente e fazia até Boxer parecer pequeno em comparação. O sol frio fazia cintilar o diamante que trazia na orelha direita, em que ele tocava enquanto falava com alguns amigos. Chegou ao fim de uma piada qualquer que parecia estar a contar e eles riram-se à gargalhada. Ao contrário do irmão, Tony era um homem bem-parecido; de facto, a única semelhança entre os dois eram os seus olhos duros como o aço e de um azul gélido. Como Arnie era míope, usava óculos sem armação — mas havia algo naqueles olhos sem sentimento, sem emoção, que ambos partilhavam. Boxer olhou de Tony para Arnie e obedientemente abriu caminho por entre as pessoas que dispersavam para seguir Dolly até à enorme casa vazia onde ela e Harry tinham sido tão felizes durante tanto tempo.

A curta distância do grupo principal, o sargento detetive Fuller estava encostado a uma lápide a tomar mentalmente nota do nome de todos os presentes. *Meu Deus*, pensou, *é como olhar para os retratos dos suspeitos lá na Scotland Yard*. Todos os ex-presidiários estavam lá — os da velha guarda e o novo sangue. Fuller, um jovem agente disposto a impressionar os superiores, estava aborrecido por ter sido enviado ao que considerava uma caça aos gambozinos. O seu chefe, o inspetor-detetive George Resnick, andava obcecado por apanhar Harry Rawlins há mais anos do que Fuller tinha de vida. — Vai haver alguma coisa, Fuller — dissera Resnick a Fuller e ao detetive Andrews nessa manhã. — Todos os criminosos de Londres vão estar naquele cemitério hoje, seja para prestarem a sua homenagem ou para se assegurarem de que o Rawlins não volta do mundo dos mortos. Portanto, vai haver alguma coisa. E eu quero saber o quê.

O ID Resnick sempre acreditara que Harry Rawlins era o cabecilha por trás de três assaltos à mão armada a carrinhas de empresas de segurança. As suas tentativas para o provar tornaram-se uma obsessão que o dominava — e fonte de irritação constante para Rawlins. Por fim Rawlins tomou uma medida. Resnick foi

fotografado a aceitar um envelope de um criminoso conhecido e, quando a história foi contada ao jornal sensacionalista *News of the World*, viu-se sob investigação por corrupção. Demorou meses a provar a sua inocência, e quando regressou ao trabalho o estigma já arruinara todas as suas esperanças de promoção. Os danos irreparáveis à carreira de Resnick alimentavam o seu ódio intenso por Rawlins, e jurou que um dia, por mais anos que levasse, veria Harry Rawlins atrás das grades. A morte antecipara-se a Resnick, mas era uma obsessão que, aparentemente, se prolongava para além do túmulo.

Fuller não queria saber de Resnick, porque não acreditava por um segundo que Resnick quisesse saber dele — Resnick não punha nada nem ninguém acima da missão de apanhar o raio do Harry Rawlins. No entanto, como ambos queriam saber no que os irmãos Fisher andavam metidos e com quem falavam, Fuller estava a vigiá-los como uma águia. Fuller tinha a ambição de progredir na carreira; e os Fishers estavam na lista dos «mais procurados» por todos os polícias desde os tempos em que Fuller era recruta. Seriam a captura do século, agora que Rawlins estava morto!

Depois de as pessoas dispersarem, Fuller avançou por entre as campas em direção à saída. Ia meter-se no carro da polícia que o aguardava quando reparou na lama nos seus sapatos caros e, irritado, limpou-os na relva da berma. O detetive Andrews sorriu-lhe escarninho do lugar do condutor. Fuller não ficou nada divertido, particularmente porque também tinha lama na bainha do seu melhor par de calças.

Fuller abriu a porta do carro e sentou-se pesadamente. Pegou num lenço de assoar limpo, branco, perfeitamente passado a ferro e dobrado e cuspiu nele antes de limpar a lama da perna direita das suas calças.

— Vês alguma coisa de interesse? — Andrews estava a fazer conversa. Observara o ar de tédio de morte de Fuller na última hora.

— Aquele parvalhão do Resnick pode dar cabo da carreira dele se quiser, mas não vai dar cabo da minha — resmungou Fuller em resposta.

— Lembro-me de ler as notícias sobre ele no *News of the World*. — Andrews estava sempre a par de todas as coscuvilhices. Achava que causava boa impressão às agentes da esquadra. — Suspenso por aceitar subornos. O polícia corrupto que aceitou luvas.

— É isso a mim que me interessa? — rosnou Fuller. Fechou a porta do carro com força e acenou com a cabeça a fazer sinal a Andrews para arrancar dali.

— Recebeu dois Louvores do Comissário por atos de coragem ainda antes de chegar a sargento — disse Andrews ao meter a primeira. — Era um polícia dos bons.

— Bem, agora não é! — Toda a gente sabia que as hipóteses de promoção de Resnick eram nulas; conseguira manter o posto de ID por uma unha negra, mas, de cada vez que se mencionava o seu nome como candidato a uma promoção, alguém remexia em águas passadas e ele era preterido. Só recentemente o inspetor-chefe Saunders persuadira o comandante do Departamento de Investigação Criminal, o DIC, a autorizar Resnick a voltar a ter um cargo operacional, e, com alguma relutância, fora-lhe atribuída a chefia de uma pequena equipa de investigação de casos arquivados.

— Todos os polícias associados com aquele dinossauro que fuma como uma chaminé são considerados uma piada tão grande como ele. Eu não vou aceitar isso de braços caídos, Andrews, tanto como isso posso dizer-te.

Fuller abriu o bloco de apontamentos com que andava sempre e olhou para a lista de nomes que anotara durante o funeral. — Agora, ele é um tolo a perseguir fantasmas. A nossa atenção devia estar concentrada nos vivos. — Quando o carro arrancou, Fuller virou-se e fitou a chusma de pessoas que aguardavam no parque de estacionamento, à procura de Arnie Fisher, mas ele já tinha ido embora. Fuller franziu a testa e bateu com o dedo no bloco de apontamentos.

— Vamos dar uma vista de olhos ao apartamento da velhota do Rawlins, para ver quem vai à receção prestar a última homenagem àquele filho da mãe.